

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ao meio-dia; aos Srs que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

O Sr. Julião Valeriano Simões, de quem alguns artigos havemos já, com grande gosto, publicado, relevar-nos-ha de não fazermos outro tanto á sua statistica do concelho de Cintra. Reconhecemos, como elle, a utilidade de taes trabalhos, mas em quanto elles só abrangerem um ou outro pequeno districto, pouco resultado podem offerecer: e, quando se tornarem geraes, requererão espaço de que a nossa folha não póde dispôr: por esta razão, e porque a grandissima maioria dos leitores aborrece e costuma preterir escriptos d'este genero, temos assentado em nunca mais inserir taes mappas, salvo quando alguma peculiar consideração os tornar recommendaveis.

A apologia da rosa pelo Sr. G. L. será impressa logo que haja lugar.

A carta do Sr. J. D. da F., é cheia de razão, mas não vemos na coisa os perigos que elle vê: é melhor não bulir mais em tal.

O cartapacio do ecclesiastico antipapista, fica na pasta para nosso divertimento particular. Agradecemos-lhe a parte que nos dá do seu proximo casamento, e desejamos-lhe todas as boas fortunas no seu novo estado, ao menos terá, d'aqui a annos, accolitosinhos de caza para lhe ajudarem á missa.

! Sr. M. S. . . . ! que temos nós com isso ! ?

O romance do desengano só muito tarde poderá ser inserto n'esta folha — por termos em nossa mão quantidade grande de poesias, que chegaram primeiro. Se o auctor quizer empregar esta dilacão em o retocar, ou se preferir imprimil-o n'outra parte, á sua ordem lhe será prontamente restituído.

O assumpto da carta do Sr. Augusto José Gonçalves Lima é já em demasia antigo para o nosso capitulo de noticias.

CONHECIMENTOS UTEIS.

TINTAS DE ESCREVER PRETA.

- 2977 GALHAS negras. 1 arratel.
- Caparrosa verde. meio dicto.
- Gomma arabia. meio dicto.
- Agua fervendo. 20 quartilhos.
- Oleo essencial de alfazema. 2 oitavas e meia.

Pisam-se as galhas em pó grosso, e passam-se por um peneiro ralo, e deita-se-lhe a agua fervendo em cima, deixando ficar em infusão por 24 horas: cõa-se o liquido, e ajuncta-se-lhe a caparrosa e a gomma arabia; agita-se de vez em quando para fazer perfeita soluçãõ; ajuncta-se depois o oleo de alfazema e guarda-se em vasilhas bem rolhadas.

Alguem costuma ajunctar á tinta preta de escrever, páu de campeche, e tambem pedra lipes etc.; porém a simples formula que damos tem-nos produsido uma tinta muito preta.

O oleo de alfazema, que ajunctamos é para a preservar do bolor. Os caracteres, formados com esta tinta e com todas as que por ahí se acham á venda por essa cidade, alteram-se com o tempo e em sitios humidos, e podem tirar-se inteiramente pelo acido oxalico e pelo chloro, propriedade de que se hão aproveitado muitas vezes os falsificadores de documentos. Para evitar todos estes inconvenientes, deve escrever-se com a seguinte

TINTA PERMANENTE.

- Sal ammoniaco. 2 oitavas.

MAIO — 30 — 1844.

- Agua distillada fervendo. 4 oitavas.
- Gomma arabia. meio dicto.
- Tinta commum. algumas gottas.

Dissolve-se o sal na agua fervendo; ajuncta-se a gomma e as gottas da tinta commum: misture-se e guarde-se.

O que se escreve com esta tinta séca promptamente. A tinta commum emprega-se unicamente para fassel-a vesivel quando se escreve, porque depois de secca se vê melhor o escripto e resiste a todos os agentes chimicos. (*)

TINTA ENCARNADA.

- Páu da rainha raspado ou machucado. 1 arratel.
- Vinagre branco optimo. meia canada.

Infunda por tres dias a frio, e depois dos quaes ferva por uma hora, cõe e ajuncte.

- Gomma arabia. 2 onças.
- Pedra hume. 2 dictas.
- Assucar. 2 dictas.

Deixe esfriar e guarde em vasilhas bem rolhadas.

TINTA CARMINADA.

- Carmim em pó. quanto se queira.

Espirito de sal ammoniaco quanto baste para se saturar do carmin: filtre-se e ajuncte-se uma quantidade de gomma arabia branca, evapore o espirito de sal ammoniaco ao ar livre e guarde-se em vidriuhos.

TINTA VERDE.

- Verdete em pó. 1 oitava.
- Cremor de tartaro. 5 dictas.
- Agua. 5 onças.

Ferve-se tudo até reduzir a ametade, cõe e guarde-se.

TINTA AZUL.

- Flór d'anil. 2 oitavas.
- Sal de tartaro. 2 dictas.
- Oiro pimenta. 2 dictas.
- Cal em pedra. 4 dictas.
- Agua. 1 quartilho.

Redusam-se a pó todas estas substancias, misturem-se e fervam-se na agua prescripta em uma capsula de porcelana ou de loiça da India, até que a dissoluçãõ esteja perfeitamente feita: cõe-se por um panno, e ajuncte-se

- Gomma Senegal em pó. meia onça.

Dissolva-se e guarde-se a tinta.

OUTRA.

Prepara-se igualmente uma excellente tinta azul, com uma dissoluçãõ saturada d'anil em acido sulfurico e dilatada convenientemente em agua engomada.

Além d'estas differentes preparações de tintas de escrever, tambem se empregam outras, que não apparecendo depois de seccas no papel d'onde foram escriptos os differentes caracteres, se fazem visiveis por meio d'um methodo qualquer, e só pelas pessoas que teem conhecimento d'elle. Estas composições chamam-se

TINTAS SIMPATHICAS.

- 1.ª O hydrochlorato de cobalto (dissoluçãõ de)
- Prepara-se, dissolvendo o cobalto em agua régia, evaporando o excesso d'acido, e dilatando o liquido

(*) Recommendamos o uso d'esta tinta, a todos os srs. tabelliães, pois a simplicidade d'ella e por consequência o pouco importe, não os desanimaria, a fazerem a sua experiencia.

em excesso de agua, até ficar esta com uma côr de rosa muito desmaiada.

Os caracteres formados ou traçados com esta tinta desaparecem depois de seccos inteiramente, porém tomam uma côr verde quando se aproxima o papel ao fogo, e tornam pelo arrefecimento a desaparecer, não se aquecendo o papel demasiadamente.

2.^a *vinagre de chumbo.*

Os caracteres, traçados com o vinagre de chumbo, tornam-se negros, quando se banha o papel em uma dissolução fraca d'acido hydro-sulfurico (ou na agua das Caldas).

3.^a *O sulphato de ferro (dissolução de)*

Dissolve-se a caparrosa verde em agua destillada. Os caracteres, formados com esta dissolução, tornam-se negros mergulhando o papel em tintura de noz de galhas.

Além d'estas diversidades de tintas, ha ainda outras que servem para marcar a roupa, as quaes resistem a todas as lixivias alcalinas (barrelas) etc., e não teem o inconveniente de queimar a roupa.

1.^a *Acetato d'alumina e de ferro (dissolução de)*

Deve-se empregar esta tinta em consistencia de gélea, e para fazer uso d'ella basta estendel-a com um pincel ou penna, e formar os caracteres sobre os tecidos.

2.^a *Sulphato de magnesia e ferro (dissolução de)*

Prepara-se, tomando sulphato de magnesia (sal inglez) 5 onças e 5 oitavas.
Sulphato de ferro (caparrosa verde) 3 ditas e 1 dita.
Gomma arabia 3 ditas e 1 dita.
Agua 1 quartilho.

Dissolve-se os saes n'agua; e se ajuncta depois a gomma, e faz-se uma mistura bastante consistente para formar os caracteres sobre os tecidos que se quizerem marcar; deixa-se seccar um pouco, e mergulha-se depois a parte marcada do panno em uma solução de carbonato de soda de potassa, como a precedente (n.º 2).

3.^a *Nitrato de prata (dissolução de)*

N.º 1.

Toma-se nitrato de prata (pedra infernal) 2 oitavas.
Gomma arabia 2 ditas.
Anil 9 grãos.
Agua destillada 10 oitavas.

Dissolve-se a pedra infernal em a agua destillada e se dillue a gomma e o anil pulverisados. Toma-se em separado.

N.º 2.

Carbonato de soda 1 onça.
Agua destillada 3 onças.

Dissolva-se, filtre-se, e guarde-se.

Para usar d'esta tinta, a parte, por exemplo, de um lenço, se molha com o soluto alcalino n.º 2, e se deixa seccar, e traçam-se depois com uma penna, as letras, com a tinta n.º 1.

Esta ultima tinta, é muito usada, para marcar roupas finas, as duas primeiras podem servir mais para saccaria, panaes etc.

Alhandra 20 de maio de 1844. L. I. S. P.

RECEITAS DE TINTURARIA.

2978 SAÍU á luz o 4.º livrete da collecção de receitas, desde pag. 183 até 246. Compreende os seguintes artigos: — Brasilina — Analyse — Urzela —

Ensaio das plantas — Fabricação da Urzela — Processo usado em Florença — Processo usado nas ilhas — Processo usado em Hollanda — Observações — Dissolventes da materia colorante — Variação de côres e precipitados — Analyse — Páu de Campeche — Extracção da materia corante — Variação de cores e precipitados — Hematina — Analyse do páu de Campeche — Páu Sandalo — Extracção da materia corante — Variação de côr e precipitados — Santalina — Analyse da Santalina — Orcanete — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Orcanetina — Analyse da orcanetina — Mana — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Lirio — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Luteolina — Analyse da decocção de lirio — Quercitron — Extracto da materia corante — Variação de côres e precipitados — Quercitrina — Pau amarello — Extracção da materia corante, e meios de a purificar — Variação de côres e precipitados — Morina — Sarreta — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Giesta — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Feno grego — Datisca — Extracção da materia corante — Variações de côres e precipitados — Alamo — Extracção da materia corante. Variação de côres e precipitados — Trevo — Extracção da materia corante — Variação de côres e precipitados — Verginha de oiro do Canadá — Flor de cravo da India — Extracção da materia colorante — Variações de côres e precipitados — Casca de espinheiro — Dita de freixo — Folhas de amendoeira — Ditas de pecegheiro — Ditas de pereira — Flor de cerefolio silvestre — Dita de junco marinho — Ortigão (ortiga grande).

Continuam a receber-se as assignaturas para esta obra na rua da Magdalena n.º 129, e rua dos Fanqueiros loja n.º 68 e 69. Preço para subscriptores 80 réis a entrega de cada livrete; avulso 120 réis.

REMEDIO PARA CURAR A SURDEZ.

(Communicado.)

2979 FUMA-SE tabaco de fumo o mais forte possível, tendo cuidado de não deitar fumo o fóra, mas de o conservar bem na bocea, e de apertar o nariz com o dedo polegar e o index, e de esforçar para fazer passar o fumo pelo canal auricular, chamado trompa de Eustaquio, impellindo fortemente a respiração, ou bafo: continua-se este remedio, até que os ouvidos façam um estrondo semelhante ao de uma bexiga que arrebenta: o ouvido então fica immediatamente restabelecido; isto acontece ordinariamente no fim de 2 ou 3 semanas, e é conveniente não cessar este remedio duas semanas ao menos seguidamente depois de conseguir alivio, a fim de impedir que os ouvidos se tornem a tapar de novo.

Esta receita é extraída da obra intitulada — *Europa e America compradas* — por Mr. Drouin de Bercy, colono, e proprietario em S. Domingos, tenente-coronel d'estado maior provisorio no exercito francez, na occasião da expedição do general Leclerc, impresso em 1818. Tomo 1.º, pag. 424.

SOBRE PRISÕES, E SEUS MELHORAMENTOS.

2980 POBRES em conhecimentos statisticos, como nós estamos, devemos com cuidado recolher aquelles,

que as nações mais adiantadas vão adquirindo com grandes cuidados, estudos e despesas.

Um de nossos atrasamentos é a administração das prisões; e por isso nossos leitores se instruirão, e os fiscaes das prisões poderão estudar melhor o que devem saber, lendo o que se segue, tirado do *Nacional* de Paris de 7 do mez passado. Diz elle assim —

«M. Carlos Lucas acaba de publicar uma brochura, que deve attrahir a attenção publica. É a sua exposição á academia das sciencias moraes e politicas do estado actual da questão penitenciaria, seguida das discussões que se levantaram entre elle, Tocqueville e Béranger. Esta publicação é destinada a esclarecer o debate que ha-de ter logar na camara, e que temos pesar, de não saber quando. Ainda que não saibamos em que tempo haverá a discussão, parece-nos impossivel segundo as revalações de M. Lucas e de M. Léon Faucher, tiradas de documentos ingleses, suissos e americanos, que o systema absoluto de prisão solitaria, proposto pela commissão, seja admitido. A brochura de que fallamos tem importancia pela posição official de seu auctor. M. Lucas é inspector geral das prisões, e por este titulo esta questão especial adquire certa auctoridade.»

«Em vão M. Toqueville relator do projecto sobre as prisões, e M. Béranger teem cuidado de responder aos factos articulados por M. Lucas. É hoje evidente que por meio do systema celllular a mortalidade é mais numerosa e os casos de loucura são mais frequentes. Quando não se morre, sae-se da prisão enfraquecido e desfigurado; e é necessario confessal-o, esta situação moral e physica, que põe os presos na impossibilidade de achar no trabalho os recursos necessarios á vida, explica perfeitamente o porque as reincidencias teem augmentado na Luisiana e em Philadelphia. Em fim, a construcção e sustentação das prisões cellulares produzem despesas enormes, ao mesmo tempo que os productos do trabalho são muito insignificantes. Por esta fórma a França se imporia sacrificios enormes, para fazer uma grande despesa de dinheiro, augmentando a cifra das reincidencias.»

«Nos factos citados por M. Lucas nada nos afflige tanto como a manifestação do que se passa em Roquette. N'esta prisão as mortes são de onze por cento nos encerrados em quartos, e geralmente em tempo muito curto; ao mesmo tempo que em certos quartéis de nossas casas centraes, a mortandade não passa de tres por cento. Além do que, esta cifra varia muito n'estes estabelecimentos. Prisão ha onde d'entre 32 e 33 não morre mais do que um preso, outras onde de oito morre um e mais. Qual é a causa d'esta differença? a administração superior que conhece estes resultados, não merecerá uma reprovação severa, por não faser nada, afim de reduzir a mortandade ás cifras minimas?»

«Parece que a commissão está disposta a renunciar o systema de isolação para as mulheres; ninguem quererá vêr renovado o ensaio de Roquette; resta só desarreigar uma sorte de preocupação irreflectida e já antiga pelo que diz respeito aos homens. Nós esperamos que a discussão dará este resultado. Mas agora para faser apreciar as consequencias do systema celllular, basta citar o extracto seguinte da brochura de M. Lucas. — «No systema da disciplina do silencio, a reclusão celllular é o castigo disciplinar, que se dá

nos casos de mais grave insubordinação; mas este castigo excepcional tornando-se sob esta disciplina, a regra geral e constituitiva do systema pensilvanio, pergunta-se — como se chegarão então a sugeitar os presos recalcitrantes, que tentarem perturbar a ordem, e comprometter o systema celllular por suas vociferações? — Ao mesmo tempo que esta observação é tida como supposição puramente imaginaria, e que os commissarios europeus exaltavam com muito boa fé a brandura maravilhosa d'este systema pensilvanio, que até dispensava recorrer aos castigos disciplinaes, castigavam pondo o sello do segredo aos condemnados que faziam bulha, applicando-lhe uma mordação de ferro descripta por M. Elwee. Esta mordação é um instrumento de ferro bruto semelhante a um freio com cadêas, que se põe em roda do pescoço e se fixam detraz da cabeça. Este instrumento mette-se na bocca, as cadêas ligam os queixos até á nuca; a extremidade d'uma das cadêas passa atravez d'um anel que se acha na extremidade da outra cadêa: aperta-se até um quarto anel, e um cadeado fecha toda mordação. Concluido isto, mettem-lhes as mãos em luvas de pelle, nas quaes mettem anneis de ferro, e depois lh'as atam atraz das costas. Correias de coiro, passadas atravez dos anneis, apertam depois as cadêas da mordação entre o pescoço e as cadêas. Então apertam-se as correias; este movimento levanta as mãos até á cabeça, d'onde resulta que a pressão trabalha sobre as cadêas, as quaes comprimem successivamente os queixos e jugulares, e provocam as dôres mais atrozes, fazendo dirigir o sangue para a cabeça.»

«Com esta infernal machina, diz M. Elwee, muitos desgraçados foram atormentados muito além do que a humanidade pôde soffrer. E a mordação de ferro só foi abolida quando um condemnado, *Macumsei*, expirou nos padecimentos de sua applicação. Não se fez inquirição alguma, diz M. Elwee, e quando dois empregados tractavam de restituir á vida este desgraçado, o director M. Wood lhe recommendou segredo.»

Diz finalmente o *Nacional*; — «vê-se agora até que ponto os quakers philantrosos da Philadelphia teem elevado a sua barbaria, para manter a disciplina no seu systema penitenciario. Nós affirmâmos que nunca a inquisição inventou um tormento mais atroz. Será necessario mais para julgar e condemnar sem duvida o velho systema, que nossos philantrosos querem importar para entre nós?»

C. X. P. B.

(Communicado.)

COORDENAÇÃO E DISPOSIÇÃO DOS LIVROS.

EXTRACTO DO RELATORIO DO BIBLIOTHECARIO.

2981 «A DIRECÇÃO da bibliotheca publica da côrte, creada pelo alvará de 29 de fevereiro de 1796, foi logo confiada a um homem que reunia todas as difficuldades qualificações para bem desempenhar tão honrosa missão. O systema do Sr. Antonio Ribeiro dos Santos é verdadeiramente ainda hoje a base da classificação dos contentos d'esta casa, apesar da diversidade de denominações apparentes, e de suppostas alterações n'essa nomenclatura introduzidas pelo decreto de 1836, e apesar dos extraordinarios progressos das sciencias em geral nos ultimos 50 annos, e especialmente da bibliographia, tanto pela extensão que teem tomado em toda a parte esses vastos depo-

sitos dos conhecimentos humanos, como pelos esforços dos Brunets, dos Merlin, dos Renouard, dos Fortia d'Urban, dos Henrichs, dos Schrettinger, etc. etc. etc.

« Serviram como base primeira n'esta fundação parte dos livros que haviam pertencido á extincta companhia de Jesus, e os que eram propriedade da Real Mesa Censoria; collecções que posto fossem numerosas e importantes, não compreendiam contudo um número proporcionado de objectos, que abrangessem os variados ramos dos conhecimentos.

« As sciencias que tractam de todos os deveres do homem, como legislados pela mão de Deus, que formam um dos principios elementares da humanidade, e são o primeiro pensamento civilizador, coordenou-as elle em differentes secções, sob o titulo — Theologia — e compreendem-se nas salas 9.^a, 8.^a, 7.^a e 6.^a

« As que dizem respeito a nossos deveres, como entes sociaes, sancionados pela mão do homem em relação ás grandes sociedades, religiosa, civil e social segundo pensamento civilizador e constitutivo tambem de nossa humanidade, foram dispostas sob o titulo geral de — Sciencias Civis e Politicas — e compreendem-se na sala 5.^a

« Os conhecimentos que dizem respeito a este mundo real e sensivel, bem como aquelles, que concorrem para o tornar commodo e agradável, e são um verdadeiro instrumento de civilização, foram dispostos sob o titulo de — Sciencias Naturaes, e Artes — e se compreendem na sala 4.^a

« Os ultimos productos de uma civilização crescente: obras da imaginação; vôos do genio, e todas as concepções do pensamento, com a theoria dos processos ou instrumento de analyse, propria para realis-os pela palavra, ou transmittil-os pela escripta, acham-se collocados sob o titulo de — Bellas Lettras — e se compreendem na sala 3.^a

« A collecção das obras, que teem por fim dar-nos a conhecer as acções da humanidade, consideradas em relação ao tempo, e ao lugar, e debaixo dos dois grandes pontos de vista, civil e religioso, acha-se sob o titulo de — Historia — e compreende-se nas salas 2.^a, e 1.^a

« Os monumentos da imprensa, que o capricho dos auctores e editores subtrahiu a esta tão philosophica classificação, foram com propriedade colligidos pelo illustre bibliographo, sob o titulo de — Poligraphia — e se compreendem na sala 10.^a, que, com razão, se deve considerar como supplementar.

« Os ineditos, autographos, e outros monumentos, posto que na creação do estabelecimento fossem poucos em numero, contudo pelas razões que lhes são peculiares, foram colligidos sob o titulo de — Manuscriptos e Antiquidades — e classificados, segundo o systema, que leve exposto nas salas 12.^a, e 11.^a; ficando d'este modo organizado, com o pessoal de 20 empregados, o estabelecimento, cuja historia compendiei.

« Se as necessidades physicas do homem se augmentam em proporção do desinvolvimento do principio de sociabilidade, pela mesma lei crescem, e se desinvolvem as necessidades da intelligencia, que n'esta idade mal podem ainda com as raias do possivel circumscrever-se. Competente avaliador d'este grande facto, o Dr. Antonio Ribeiro dos Santos,

não podia contentar-se com o primeiro resultado d'esta sua creação; por isso empregando cuidados e esforços, e coadjuvado por um governo, que havia concebido tão proficuo pensamento, procurou franquear aos portuguezes um estabelecimento, correspondente á civilização europea, enriquecendo a biblioteca com o precioso Monetario de Fontenelli; com a importante doação dos religiosos da *Divina Providencia*; com a collecção de medalhas, manuscriptos, e livros raros de D. Thomaz Caetano de Bem; com a de 5:000 medalhas e livros manuscriptos escolhidos de D. Fr. Manuel de Cenaculo; com a bella collecção de edições de Bodomnianan, pertencente a Francisco Vieira; com a compra dos magnificos e raros exemplares da celebre Biblia Moguntina, e outra Hebraica manuscripta com delicadas illuminuras do XIII seculo; com a importante doação de muitos impressos, manuscriptos, mappas, cartas, e medalhas que eram propriedade sua; assim como com os variados objectos provenientes dos actos legislativos de 24 de maio de 1798, e 2 de setembro de 1805. As causas que vieram retirar o primeiro bibliothecario mór da gerencia que lhe fôra commettida, fizeram com que este estabelecimento não tocasse a meta da perfeição, a que devesse chegar com aquelle andamento, que lhe déra, tão rapido e progressivo.

« Sobre o governo do Monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo é mais proprio, na minha situação, guardar silencio.

« O Monsenhor Gordo foi substituido pelos Srs. Joaquim Larcher, e depois Vasco Pinto de Sousa; e a este ultimo cavalheiro deve a repartição algumas provas do desejo que o animava de lhe ser util, sendo os principaes resultados da sua gerencia a sala dos classicos portuguezes na repartição dos impressos, e outra, que se reuniu á repartição das antiguidades, contendo uma riquissima collecção especial dos livros do seculo XV, tão proficua para a historia da typographia e xylographia, como para a philologia, historia litteraria, e estudo dos usos e costumes da idade media, de que são o mais rico manancial, formando-se d'estas preciosidades um cathalogo systematico; havendo sido ambas estas collecções especiaes deduzidas, por uma minuciosa escolha, das diversas salas, e do deposito dos livros dos mosteiros, onde taes preciosidades se achava.

« Alli se podem confrontar os Guttembergs, Fusti e Mentellins, com os Spiras, Sweynheym e Panartzs; os Hagembachs, Uros e Reis, com os Saxonios e Moravios: alli podem os apreciadores da gravura em madeira, tão usada em nossos dias, ver os progressos da arte, estudar a differença dos estylos, e convencer-se de que nunca os portuguezes foram ultimos em dar impulso ás boas artes; finalmente esta preciosa collecção anda por 900 volumes, cada um dos quaes tem seu merecimento pecuniario.

« Effectivamente esta *Sala Paleotypica* é hoje uma das joyas com que esta casa se ensoberbece; pois é sabido que os 3 a 4 seculos decorridos desde a publicação de taes livros os teem destruido, porquanto os impressores d'aquelles tempos tiravam edições em proporção com o pequeno numero de exemplares, que então se consumiam, e muitas bibliothecas de consideração não podem apresentar a quantidade de livros d'esta ordem, que comprehende a de Lisboa.

« Considera-se esta sala, como uma das principaes riquezas, pelo subido valor que teem muitas das obras que encerra, taes como a primorosa edição das — *Cartas familiares de Cicero* — primeira producção da prensa do celebre *João de Spira*, executada em Venezia em magnifico pergaminho, e nitidos caracteres romanos, no anno de 1469, que sobe a 300\$000 rs. de valor — a mui rara e preciosa edição da — *Santa Biblia* feita pelo proprio *Guttemberg* em Moguncia, pelos annos de 1454 — 55 em grandes e bem formados caracteres gothicos, e que orça por 700\$000 rs. — a magnifica edição do livro de *Ludolfo de Saxonia* intitulado — *Vita Christi*, traduzido em linguagem, de ordem da Sr.^a Infanta D. Izabel, Duqueza de Coimbra, por Fr. Bernardo d'Alcobaça, impresso em Lisboa em 1496, reputado em 300\$000 rs. — a *Historia do mui nobre Vespaziano*, impressa em Lisboa em 1496, a que, por ser o unico exemplar conhecido em todas as bibliothecas do mundo, se não assigna valor. — A traducção de Fr. Bernardo d'Alcobaça: o *Missale mixtum secundum regulam Beati Isidori*, cuja lithurgia promoveu no XV seculo as mais acaloradas disputas entre os Prelados d'Hispanha, e a côrte de Roma; e o *Plotino de Florença*, a que Schelhorne chama sem par, monumento da magnificencia de Lourenço de Medicis, mais illustre que o das Pinturas, Estatuas, e Marmores, por serem provas da grandeza, e amor, que tributaram ás lettras, uma Princeza Portugueza, um Cardeal Hispanhol, e um Principe Italiano; — e outros muitos, cuja enumeração fóra descabida nos curtos limites de um relatorio.

« Confesso que um exame escrupuloso do actual systema de classificação da Bibliotheca Nacional de Lisboa, já sob o ponto de vista bibliographico, já sob o material, aconselharia importantes modificações. Todavia não me atrevo por enquanto a tental-as, não só porque taes mudanças produzem sempre, pelo menos temporariamente, uma certa perturbação no serviço, mas sobre tudo porque essa empresa deve ser reservada para o dia, que tanto ambiciono, e que V. Ex.^a se dignou prometter-me ver proximo, em que este rico deposito seja transferido de um local consumidor para outro proprio e competente.

« Só me resta, pelo que toca á coordenação, indicar um novo systema, que imaginei, e com o qual puz um termo á deploravel confusão, que tornava incompletas ou inuteis as tres quartas partes das publicações portuguezas, pela difficuldade de as conservar classificadas devidamente, desde o dia em que entram na caza até á sua terminação; obstaculo que se aggravaria extraordinariamente, agora que, pela primeira vez desde que existe Bibliotheca Nacional talvez, as typographias, lithographias, e estamparias, graças ás providencias que ultimamente tomei, são exactas no cumprimento de seus deveres, e depositam exemplares de tudo quanto publicam.

« O systema pois actualmente posto em pratica para taes publicações é o de outra especie de encadernação mechanica, se assim se lhe póde chamar. Na respectiva sala das publicações portuguezas, mandei dispor em boa ordem pelas paredes longos pregos d'onde pendem grandes ganchos de larga curva, susceptiveis de serem tirados á vontade, nos quaes se enfiam as varias folhas de cada obra, por sua ordem, e sem que possa dar-se confusão alguma, ficando assim ligadas

instantaneamente até que a obra completada possa ser extraída do lugar onde pendia para ser entregue ao encadernador.

« A quem não tiver pratica d'esta especialidade parecerá esta innovação escusada: posso affirmar a V. Ex.^a que só á falta d'ella attribuo o haver-se extraído grande numero de folhas de anteriores publicações, e conservado na sua integridade todas as obras que teem entrado para a caza, desde o dia, em que este systema se adoptou, com grande conveniencia da repartição.»

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CONTRA O JOGO, FOGO.

(Receita d'el-rei D. João II.)

1.^o DE JUNHO DE 1490.

2982 « N'ESTE anno de 1490 estando el-rei em « Evora antes da vinda da princesa, lhe foi dicto que « em Lisboa em caza de um cavalleiro, que se cha- « mava Diogo Pires do Pé, e vivia juncto da praça « da Palha, se jogavam dados e cartas, e outros jo- « gos, com que Deus era desservido, e seu sancto « nome renegado, e o de Nossa Senhora, e o dos « Sanctos brasmados. E como el-rei era mui catho- « lico, devoto, e amigo de Deus, por atalhar e evi- « tar tamanho mal, e por castigo do que nas dictas « cazas se fazia, polo mesmo caso, na metade do dia « com pregão de justiça as mandou queimar no pri- « meiro dia de junho do dicto anno, de que na cida- « de foi grande espanto; e alguns homens, que em « suas cazas tinham jogos, e tavolagens, com muito « grande receio se tiraram logo d'isso. » — « Garcia « de Rezende. »

Olhem lá o que por ahí iria, se se usasse hoje a mesma receita.!

J. H. da Cunha Rivara.

D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDAS NACIONALES.

II.

... Lá te vás, e para sempre!
Nas pardas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade, e gloria.
Garrett. — Camões.

A PARTIDA.

2983 CORRIA o anno do Senhor — 1578. — Che- gára aquella noite de religiosa alegria, festejada no campo e na cidade, no palacio e na choupana, por velhos e por mancebos; — noite de folias, em que a donzella, sustendo a custo a agua na bocca, aguarda anciosa ouvir o nome do que ha-de ser seu esposo; ou queimando a espinhosa alcachofra, anhela que alvoreça a manhã para conhecer — pelo florir ou seccar de uma flor — se a Deus apraz ou não, conceder-lhe por marido o eleito de seu coração; — noite de liberdade em que os moços galhofeiros fóra de suas poissadas, ao som de cantares alegres, saltam a fogueira que debalde altêa as chammias para os impedir, ou tornando a praça publica em salão de saráu, fazem

resoar tangeres, danças e engraçadas lóas. Culpa grave entre mancebos e donzelas é o repouso em tal noite, destinada a folguedos innocentes, puros como a sua origem patriarchal . . . porém escura e silenciosa estava a cidade de Lisboa, em a noite de 23 para 24 de junho de 1578. — Nenhum som harmonioso de voz ou instrumento quebrava a mudez das ruas solitárias — mas nem todos seus habitantes jaziam adormecidos. Havia luz em muitas cazas fechadas, vozes sumidas, e arfar de corações! — eram suspiros abafados, eram lagrimas de saudade que transpiravam por todos esses edificios, desde o palacio do grande até ao sótão do indigente, . . . era porque, ao raiar do novo dia, de sessete mil paes, irmãos, esposos, noivos, filhos, amigos, iam ser condusidos para o matadouro de Africa! . . .

Já o arrebol da manhã se mostra no oriente, e começa a dar vida a tão variados objectos. — Os altos montes do sul já apresentam os cumes avermelhados, e por entre essas deliciosas veigas de além se distingue o casal solitario, ou a pequena aldeia, matisando de branco um extenso tapete de relva; — d'aquem assoma o vulto immenso da capital: campanarios de templos campeando sobre as habitações profanas, e os vidros simples e córados de um e outro edificio reflectindo os raios do sol nascente com mil accidentes de luz: — o Téjo ufano do azul de suas aguas, — e os contornos de tão diversos navios que iam em breve mostrar os pavilhões de toda a Europa, completavam um soberbo quadro para um observador collocado na praia do Restêlo: e bastantes lá estavam que pela ultima vez gosariam de tão brilhante espectáculo. Era d'aquelle logar que se deviam desatar as velas de oitenta baixeis, que, como as azas do anjo da morte, poisariam sobre tantos guerreiros até ao momento do exterminio.

Despovoado se acha já pela ante-manhã o labyrintho inextricavel de ruas estreitas e mal-gradadas, becós tortuosos e immundos, que constituíam então a cidade de Lisboa — proximamente no gesto do bairro de Alfama, ainda hoje de pé por mercê especial do terremoto de 1755 — e o povo se arrojava em ondas pela margem do Téjo para o logar do embarque, — uns a dar o extremo adeus a quem lhes era caro, — outros por simples curiosidade. . . e para esses havia ahí muito que vêr.

Já o sol patenteára de todo sua fronte altiva e radiante: era essa a hora prescripta por D. Sebastião para a partida, e tudo esperava a posto. — Na direita da hoste se vê um esquadrão de velhos guerreiros do Oriente, que vestem pesadas armaduras como se foram cabayas de setim; seu capitão é D. Luiz de Menezes, que faz tremular o estandarte real como alferes-mor do reino: só com o final alento o ha-de elles deixar escapar das mãos em Alcacer Kibir, quando já não restar com vida ou liberdade algum d'aquelles cavaleiros anciãos cuja intrepida firmeza faria inveja á antiga legião macedonia. Seguem-se os mancebos aventureiros, fior da nobreza e esperança da patria; commanda-os Alvaro Peres de Tavora, irmão do valído d'elrei: não ha entre elles tristura como em os outros terços, — são como tenues raios do sol brilhando por entre o agregado de nuvens caliginosas! — Elles! para quem d'aqui a pouco a areia de uma vala ou a porta de um carcere vae abafar o

fogo da vida, ou o entusiasmo da gloria! — Apoz estes mancebos estão as levas da gente recrutada no reino, soldados sem experiencia e sem desejos de largarem seus lares, creados na paz do reinado de D. João III, e ouvindo só fallar de batalhas áquelles que voltavam da India nos galeões de viagem; dividem-se em quatro terços, de que são coroneis — D. Miguel de Noronha, Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora e Vasco de Sequeira: o porte d'estes cavalleiros é marcial, porém máu grado a suas esperanças lisongeiras, é a morte ou a escravidão que Deus lhes ha fadado. Mais adiante se verá os poucos italianos que governa o marquez Thomaz Steruvile, os tudescos do coronel Martim de Borgonha, e os castelhanos de D. Alonso de Aguilhar, capitães infelizes que hão-de juncar com seus cadaveres as margens do Lucus. — Na extrema esquerda está a cavallaria a pé, por ter já feito embarcar seus ginetes nas galés de transporte; são dois mil e quatrocentos soldados; e todo o exercito não excede a dezessete mil.

Defronte do sumptuoso mosteiro, elevado pelo poder de D. Manuel á memoria do descobrimento do Oriente — conversam o mestre de campo general, D. Duarte de Menezes; o bailio de S. João, Pero do Mesquitella, capitão general da artilheria; Fr. Bernardo da Cruz, capitão mor da expedição; o regedor Lourenço da Silva, justiça mor do exercito, e os desembargadores Antonio Velho Tinoco, ouvidor mor do campo, e Francisco Casado de Carvalho, furriel mor: — quen diria que nem as bécas de jurisconsultos os salvariam da espada! — Alguns medicos se achavam ahí tambem, que seguiam o exercito, para acabarem os que não saíssem bem mortos do logar da carnificina.

Uma nuvem de poeira, que se descobriu ao longe no caminho da cidade, e o susurro que simultaneamente se fez ouvir entre o povo, deram a conhecer aos chefes que o monarcha se aproximava, correram rapidamente as fileiras, e em um momento aquella massa de soldadesca, muda, firme e unida, similhava uma gradaria de ferro, — só tinham movimento as bandeiras que a viração da manhã fazia ondear ligeiramente.

Em breves instantes aquelle espaço de terreno foi embebido debaixo dos pés dos fogosos ginetes que traziam elrei e a sua comitiva: assomaram alfim ante o exercito, e os soldados, ao signal de seus chefes, fizeram a usada cortesia militar, os estandartes se abateram, e os tambores, atabales e mais instrumentos musicos fizeram resoar hymnos guerreiros; — o joven monarcha sorria á vista de tantas armas, como se já tivera seguro o fim de seus desejos; lustrosa era a companhia que o seguia, e o riso do soberano se communicára a todos aquelles vassallos tão leaes, tão cavalleiros; o contagio se apessou de toda a hoste: — Viva D. Sebastião, viva Portugal — repetiam milhares de vozes de nobres e populares, de guerreiros e burguezes. Era o ultimo prazer, por isso mais vivo que nenhum.

D. Jorge Tello, pagem do guião de el-rei, vinha na frente da cavalgada; aos lados de D. Sebastião sopeavam seus valentes corceis ricamente ajaesados — o prior do Crato, filho do infante D. Luiz, e o duque de Barcellos, joven de doze annos, que pela pri-

meira vez ia arrancar do montante: as prisões de Africa os esperavam. Apoz elles iam os governadores do reino, e entre outros cavalleiros de primôr que seguiam, notava-se D. Jayme, irmão do duque de Bragança; D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira; o duque de Aveiro, os condes de Tentugal, Redondo, e Vimioso; D. Christovam de Tavora; D. Luiz, filho de D. Aleixo de Menezes, e os bispos de Coimbra e do Porto: — sangue tão generoso lá o tinha de confundir o Lucus em suas aguas.

Tudo estava a ponto para o embarque: D. Sebastião foi o primeiro a saltar no esquife do galeão S. Matheus aonde o aguardava D. Diogo de Sousa, capitão mór da armada, cavalleiro já de dias, prudente, valoroso e experimentado, tendo a seu lado o celebre D. João de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, vedor da fazenda de el-rei. O esquife vogou para longe da praia e não tardou a abicar a nau capitania, que salvou ao monarcha com uma estrondosa surriada de artilharia. Os bateis dos outros navios navegavam igualmente de voga arrancada, transportando os capitães e soldados que iam na expedição. — D'alli a algumas horas não se via em Belém um pique, lança, ou adaga. — Lagrimas, imprecações e suspiros substituíam os brados de alegria, que o vento levára fóra do Tejo e que se esvaeceram no oceano!

Mas enquanto se concluía o embarque, tres dialogos de vario theor havia em diversos logares da extensa praia do Restelo. Eram tres personagens que partiam, e davam o ultimo adeus a outros tantos que ficavam.

— E' optimo o seu plano, capitão, não se acobarde no momento da execução que a sorte de um principe o espera.

— Descance no meu zêlo, Sr. D. João da Silva.

Estas palavras pronunciou o capitão Francisco de Aldana; ignoramos qual era o seu plao. Alguem disse depois que elle soltára o grito de retirar quando os moiros iam de vencida; — não possuímos suficientes provas para o affirmarmos, mas é certo que, se nos atraigoou, diverso premio lhe reservou Deus do que elle aguardava na Hispanha, porque o seu cadaver foi encontrado no campo de Aleacer-Kibir.

— Adeus, Luiz de Camões, dissé uma voz fraca porém melodiosa.

— O céu te acompanhe, Bernardes, lhe respondeu um velho com o sorriso da desesperação nos labios, — não te esqueça este larga-vela para um canto da tua epopéa.

— ¿Ficas ahi, pagem imbelle, não queres ver como se combate? — Estas palavras soltou um velho escudeiro com acento sombrio, e segurando fortemente o braço de um mancebo que esquadrinhava cuidadosamente as louçainhas e brasões dos cavalleiros que embarcavam.

— Não, Sr. Braz Fagundes, disse o pagem Ayres Tinoco, escapando-lhe das mãos, — imagino que nada terá de aprasivel uma tal vista. Fico para saltar as fogueiras de S. Pedro, já que por vossa causa perdemos os folguedos da noite de S. João.

Tudo estava acabado para Portugal!

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

LANIFICIOS PORTUGUEZES.

2984 Um dos ramos d'industria, que mais tem prosperado em Portugal n'estes ultimos annos, é o fabrico dos pannos de lã. Deligenciamos e esperamos obter, para publicarmos, uma descripção do actual e mui florescente estado de algumas de taes fabricas, e em particular da de Portalegre.

Da do Campo Grande podemos já affirmar, que merece a todos os respeitos ser visitada pelos que se alegam de vêr coisas portuguezas bellas, grandiosas e de incontestavel utilidade publica. O seu fundador, o Sr. A. V. Rodrigues, com uma perseverança de trabalho e de amor, de que ha poucos exemplos, e com uma inimitavel magnanimidade no empregar immensos cabedaes, de que só mui tarde poderá perceber lucro, sem socio, sem direcção alheia, sem o mais leve auxilio do estado, e, pelo contrario, luctando desde o principio com todas as difficuldades inherentes a taes empresas, e com as que por muito tempo lhe suscitaram os inglezes, e de que só uma sagacidade como a d'elle poderia triumphar, o Sr. Rodrigues possui hoje um estabelecimento industrial, que, sem lisonja, se pôde chamar exemplar no seu genero.

Este edificio, todo incombustivel, e cuja alma vivificante é o vapor, produz já obras assaz bellas e (cuja perfeição cresce todos os dias) e alimenta a um grande numero de familias.

É provavelmente por falta de se conhecer ainda, como cumpriria, o ponto a que esta fabrica tem chegado, que um requerimento do Sr. Rodrigues a bem da sua industria, isto é, a bem do publico, dirigido á camara municipal de Lisboa, acaba, segundo nos affirmam, de ser indeferido. Pedia elle que se lhe aforasse uma porção de terreno inutil, pertencente ao municipio, visinho á fabrica e para ella de grande conveniencia para estendal. O indeferimento parece que fóra assignado por poucos vereadores, mas o conceito que de todos elles, e d'estes mesmos que o assignaram, devemos fazer pelas irrefragaveis demonstrações, que do seu zêlo, saber e patrio amor, nos têm dado constantemente, faz-nos esperar que hoje, reconsiderada a materia, segundo a cópia do mesmo requerimento que o Sr. Rodrigues lhes apresentasse, não deixaria de sair com favoravel e promptissimo despacho, assignado, não pela maioria, senão pela totalidade da vereação.

ESCRAVARIA.

AVISO AOS PAES DE FAMILIAS.

2985 ACABAMOS de receber um folheto, impresso no Rio de Janeiro, já n'este anno de 1844, com o titulo de AVISO AOS PAES DE FAMILIA; opusculo que o nosso governo deveria mandar incessantemente reimprimir e distribuir gratis, e com abundancia, por todos os concelhos do reino e possessões ultramarinas; para que a gente simples do povo, escarmentada com os exemplos alheios, tremesse só do pensamento de jámais emigrar para o Brazil, fascinada das mentirosas promessas dos traficantes de carne branca. Eis-aqui a introdução d'este opusculo precioso!

« Movidos sómente por espirito de humanidade fa-

« zemos esta collecção dos differentes artigos publica-
« dos pelo Diario do Rio de Janeiro, os quaes sem o
« menor encarecimento descrevem o lastimoso esta-
« do de saúde, e todos os horrores por que passaram
« os passageiros da galera *Commercio Maritimo*.

« Leam todos esses artigos, e vejam como foram tra-
« ctados os infelizes que tiveram a imprudencia de ac-
« creditar nas falsas promessas d'esses traficantes de
« carne humana. D'aquí aprendam a conhecer os em-
« busteiros, que andam por todos os pontos das provin-
« cias sedusindo os singellos camponezes com promes-
« sas largas para lhes apanharem o dinheiro e com el-
« le os filhinhos innocentes, de quem se constituem pa-
« tronos, para os virem trazer ao mercado brasileiro,
« de um modo que insulta a humanidade. As fomes e
« sedes por que passaram os passageiros do *Commercio*
« *Maritimo*, só as póde desconhecer quem nunca em-
« barcou em navios da carreira do Porto. Esta nova
« especie de argelinos, illudindo as leis, atulha os
« navios de passageiros como aconteceu com este, que
« trouxe quasi trescentos, e pela sua desmesurada ambi-
« ção os mata á fome e á sede, e ainda os obriga a
« desfiar estopa como se fossem moços de navios. Se os
« paes á vista do que abaixo se lê, não se puzerem em
« guarda contra os taes senhores; o mal subirá a um
« ponto sem exemplo nos annos da escravatura africa-
« na, e odrama que se representou a bordo do *Commer-*
« *cio* será por muitas vezes repetido. Cumpre ao gover-
« no tomar providencias com a maior urgencia para que
« este abuso não se continue. »

« Mui importantes serviços podem tambem prestar á
« causa da humanidade, da honra nacional, a tribuna
« e imprensa portuguezas, se por ventura a quizerem
« tomar a si. »

O Portuguez.

PORTUGUEZES NO BRAZIL.

2986 Por demais são os raciocinios onde estão
os factos: vamos resumir o que nova e recentemente
nos escrevem do Brasil com instante recommendação
para o publicarmos.

Com portuguezes se estão por lá encorpando os
batalhões de tropa de linha. Os capitães que os le-
vam enganados do Porto e ilhas portuguezas tractam-
n'os atrozmente na viagem, faltando-lhes a todas
as promessas e violando para com elles até as leis da
humanidade. Logo que chegam — « ferros ao fundo;
« passageiros para terra, isto é, os que por felicida-
« de sua pagaram ahí a passagem; e lá se avenham;
« procurem arrumar-se ou estoirem á fome se não
« acharem commodo, como quasi sempre lhes acon-
« tece. Os pobresitos, que ficam a bordo por não
« terem podido pagar, levanta-lhes o capitão o pre-
« ço pedindo cincoenta patações por cada um de maior
« idade, quantia que ha-de ser paga por quem os
« fôr comprar, e que depois lá lhe tirará da pelle e
« com bastante usura. » — Se não vende todos, tor-
na o pirata a fazer-se de vella, e vae a outro porto
procurar veniaga. — « Sr. Redactor, acrescenta o
« nosso correspondente, já chegámos a tempo de se
« fazer preço a portuguezes como ao gentio de Gui-
« né ou ás bestas da Gollegã. Que grandes gostos
« não são estes, para certa nação! S. M., nossa mãe,
« tome isto em consideração, que estes vendidos e
« açoitados são seus filhos, e os açoitados nas carnes
« dos filhos devem doer muito aos paes. »

EXTRAORDINARIO DESFECHO DE UMA PRENHEZ.

(Carta.)

2987 TENDO recebido pelo brigue *Carlota Amelia*,
chegado do Pará, em 16 do corrente, uma carta da-
tada de 26 de Março preterito, em que se relata um
phenomeno, que muito deve interessar os peritos da
arte obstetricia, envio a V. um transumpto exacto
do artigo da dicta carta a tal respeito, occultando só-
mente os nomes por melindre, afim de se dignar dar-
lhe publicidade no seu accreditado jornal, ficando
na certeza de que, attenta a probidade do meu cor-
respondente, me responsabilizo pela certeza do facto.
De V. etc.

Lisboa 20 de Maio 1844.

Sabino Antonio Primo de Lava.

« Ha n'esta cidade a mulher de um major, que an-
« dava gravida ha muito mais de anno; sentindo dô-
« res e vindo-lhe o leite aos peitos sem haver par-
« to, os medicos convocados pelo marido, não con-
« cordaram em suas opiniões e contam que um só é
« que dissera que no ventre existia creança. Mas que
« admiração não será saber-se, que esta Sr.^a expelliu
« ha pouco pelo anus as pernas, um braço e mais
« corpo (faltando o outro braço e a cabeça) d'uma
« creança desfeita já pela podridão, da qual o mais
« que se via eram ossos. Esta Sr.^a passou depois d'is-
« to soffrivelmente, e está á espera que a natureza a
« ajude a expellir o resto. »

« É caso digno de ser levado ao conhecimento do pu-
« blico por algum periodico. »

UM DESENGANO A TEMPO.

2988 Um nosso assignante, pessoa de credito,
nos envia para publicarmos a seguinte notavel carta
por elle proprio trasladada do authographo assignado.

« A mudança que se operou no meu coração, nem
« eu mesmo a sei dizer; porem afirmo que não foi
« um rival que a causou; mas sim a inconstancia
« de que sou dotada. Tenho tentado ser firme em
« amor, mas não posso conseguil-o, máu destino
« meu! Todas as minhas acções levam o cunho da
« volubilidade, e eu sou uma infeliz! O epitheto de
« ingrata cabe-me bem, porque paguei mal o amor
« de V. S.^a! Eu me envergonho, e até de mim mes-
« ma me aborreço; mas comtudo se V. S.^a deixou
« de ser para mim objecto de amor, não deixará de
« o ser de respeito para quem tinha a honra de ser
« amante de V. S.^a »

« Sou com o maior respeito de V. S.^a a
« mais humilde serva.

N.

« P. S. Não remeto os objectos preciosos que te-
« nho em meu poder por causa do correio, mas
« quando fôr possível podel-os entregar assim o fa-
« rei, porque sou incapaz de os possuir. »

C LIVRO DE OIRO.

2989 QUANDO a 7 de julho de 1842 sob o titulo
de *Livro de Oiro* annunciavamos, *As Meditações ou*
discursos religiosos, já lhes prognosticavamos, como
coisa muito certa e muito merecida, um grande nu-
mero de edições; — e com effeito a 11 de janeiro
d'este anno tivemos que annunciar a segunda, e já
hoje a terceira nos apparece. De edição para edição

tem o auctor o Sr. Rodrigues de Bastos accrescentado notavelmente um livro, que já como tinha nascido se podia reputar classico no seu genero; e que genero tão importante que é o seu! — Na segunda vez que d'elle falláramos havíamos promettido ir enriquecendo a nossa folha com alguns artigos colhidos d'alli. O affôgo e urgência de outros artigos originaes só nos tem até hoje permittido trasladar um de seus capitulos, o do suicidio, que n'este volume se leu a pag. 419: ficamos anciosos de poder tomar-lhe outros brevemente e em particular o do duello; porque é difficil que um espirito; que não seja inteiramente perdido, resista a uma philosophia tão eloquente e a uma eloquencia tão unvida como a do nosso auctor.

É para nós de summa satisfação o considerarmos que o destino das *Meditações ou discursos religiosos* se tem ido preenchendo qual desde o primeiro momento lh'o auguráramos; ha muito que estão tradudas em francez: depois do nosso, quasi todos os jornaes sisudos as recommendaram como de grande valia e prestimo; — «e prelados, mui zelosos e mui doctos, chegaram a prover-se de grande quantidade de exemplares d'ellas, para gratuitamente as distribuirem pelos ordenandos e pelos parochos.»

Depois d'isto todo o pae de familias, que não procurasse ter este livro em casa para uso de seus filhos, só se eximiria de uma grande responsabilidade moral por uma profissão franca e positiva de bruteza.

CONFLICTO DE GENEROSIDADES HEROICAS.

2990 É HOJE tão raro o desinteresse, e abnegação das coisas do mundo, que me parece digno de publicar-se o caso seguinte.

Falleceu ultimamente, nas Córtes, concelho de Leiria, um dos mais abastados proprietarios e capitalistas, celibatario, e de uns 70 annos de idade. Desde que adoeceu, foi assistido d'um visinho, igualmente abastado, um dos poucos da terra, com quem travára, havia muito, relações d'amizade, de que elle bem digno se mostrou, n'esta occasião, pelo assiduo cuidado e diligencia, com que o acompanhou n'esta sua dolorosa enfermidade, que parece ter sido uma inflamação de bexiga.

Desenganado o enfermo pelos facultativos de que não triumpharia do inimigo, com que estava arcando braço a braço, declarou ao seu fiel amigo e caridoso enfermeiro, que, em prova da sua amizade, lhe queria deixar toda a sua casa: este lhe respondeu que — a não queria; admirado o doente d'esta inesperada resposta, replicou que lhe deixaria todo o dinheiro; nova recusa da parte do seu amigo: quasi que lhe pediu, pela terceira vez, que, ao menos accitasse uma propriedade de valor, convisinha com outra d'elle; a mesma resposta do amigo, o qual d'esta vez, se diz, que accrescentou, que se insistia mais em taes propositos, o desampararia no seu leito de dor, mas que muito lhe pezasse pela amizade que lhe tinha; — porque, dizia este desinteressado amigo, ao moribundo: «eu para mim teho; meu filho está rico, debes pois fazer felizes teus sobrinhos.»

Convencido o enfermo, de que lhe não faria acci-

tar legado algum; pediu-lhe então, que chamasse á sua presença, dois sobrinhos, os quaes d'entre outros amava com mais predilecção e constituiu-os, por igual, herdeiros da sua casa, que se avalia em 80 contos de réis, com os quaes ficaram habilitados, a herdeira, para fazer um casamento feliz, que já está está justo, e em breve se vai concluir e o herdeiro, para continuar, na sua carreira de Coimbra, em cuja Universidade continua a frequentar o 2.º anno juridico.

Vê-se que uma casa d'estas não é muito para desprezar, e de certo a não teriam hoje aquelles sobrinhos, se em vez d'um tão honrado amigo, alli apparecesse outro homem. — D'um padre, d'este conchello, sei eu, que não só não recusa qualquer legado, mas até, para os obter, se arvora em administrador de velhas, que tem alguns bens de fortuna, percorre a casa dos proprietarios, que não tem herdeiros forçados, insinuando-se para seo herdeiro e testamenteiro, e propondo-lhe contractos leoninos, para se apossar, de suas casas, negocea com os rendimentos da Misericordia etc., e assim tem elle arranjado, já abastada fortuna, que na idade, em que está, ainda promete augmentar, continuando em taes meios. Assim vai o mundo.

Villa Nova d'Ourém 20 de Maio de 1844.

N. J.

—

NOVO TRIBUTO Á MEMORIA D'UM HEROE.

2991 SEGUNDO nos consta por informação digna de toda a fé, vae collocar-se a estatua, do immortal infante D. Henrique na sala do risco do Arsenal da Marinha: para este effeito foi nomeada uma commissão composta do Sr. A. D. Castro e Sousa, auctor da lembrança; e dos Srs. conselheiro A. J. Maria Campelo; e capitão de fragata A. L. da Costa e Almeida.

J.

UM TALENTO ENTERRADO.

(Communicado.)

2992 TIVEMOS agôsto de vêr uma estatuasinha de Luiz de Camões, feita de dente de cavallo marinho em Gôa, e por um indio, chamado *Rogunata*, que leyado unicamente pela habilidade natural, e regulando-se apenas por um desenho do Sr. Francisco de Assis Rodrigues, que de Lisboa levára para alli o nosso amigo o Sr. Lagrange, por tal arte a esculpiu, que apesar de se não poder chamar obra prima, é contudo digna de attenção pela regularidade das proporções, e mais que tudo pelo character do poeta representado no desenho; do qual se não affastou, posto que não soubesse desenhar, nem tivesse algum modelo em vulto que o dirigisse n'esta empreza. — O poeta está coroado de loiro; tem a lyra na mão esquerda, encostada ao hombro, e a mão direita apoiada sobre o flanco; aos pés tem o capacete e as luvas; veste peito de aço, etc.

A estatuasinha, que tem pouco mais de meio palmo, é sobreposta n'um simples pedestal, feito de ébano pelo mesmo indio, tendo a meio um oval de marfim, cercado de um festão de loiro, em cujo espelho vão gravar-se os seguintes versos do mesmo Camões.

Aquelle cuja lyra sonora,

Será mais afamada que ditosa.

Quem desejasse admirar pelos seus olhos uma tal escultura, executada por um semibárbaro, que apenas é torneiro, sem nenhum custo o conseguiria, recorrendo á officiosa urbanidade do Sr. Lagrange, morador ao presente na calçada do Duque n.º 58.

Um Artista.

TEMPORAL.

(Carta.)

2993 No DIA 15 pelas 4 horas da tarde na freguezia de Crespos, e visinhas, a uma legoa de Braga, levantou-se uma repentina trovoadá, acompanhada de um furacão tão forte, que derribou n'aquelles sitios mais de 600 arvores, e deixou abaladas, e pendidas ou quebradas quasi todas as outras. Logo que o furacão terminou, seguiu-se uma saraivada do tamanho de balas d'espingarda, e em tanta quantidade que em coisa de 3 minutos cobriu os campos na altura de palmo e meio! Era uma manta que abrangia quasi meia legoa de comprimento, e 600 a 800 passos de largura, debaixo da qual tudo ficou derrotado: — as arvores parecem podadas de novo: — os centeios cortados, e alastrados; as vidraças que estavam contra o furacão sem um só vidro, etc. Entre os muitos queixosos d'este terrível meteoro, avulta o bom abade de Maximinos, que soffreu estragos horrorosos na sua quinta de Crespos, os quaes só com muitos annos poderá remediar.

De V. etc.

Porto 21 de Maio de 1844.

REI CHEGOU.

(Carta.)

2994 QUANDO lí o artigo da Revista 2878 disse para os meus botões; homens com cabeça de lobo! que bello conto para entreter crianças! mas vá feito; que *aliquando* . . . eu iria por diante com a minha opinião, quando no artigo 2924 o apparecimento de uma cabeça de burro me fez ser mais reflectido, não porque esse acontecimento fosse extraordinario, porque cabeças de burro encontram-se em muito maior quantidade, do que as de lobo, mas pela malicia, que transluz em um e outro caso, que ambos convergem para o mesmo foco, e que me parece deveriam descrever-se sem o veu, que o resguarda, fazendo-se ver ao publico mui preceptivamente quaes os fins, que se teem em semelhantes embustes, e o modo porque esses embustes se levam a effeito; de outra maneira, os dois artigos dão aos perversos um reforço consideravel; porque, como levo dicto, as cabeças de burro são por toda a parte muitas.

O gosto das metamorphoses vae-se generalizando, e não duvido, que seja chegada a epocha, em que outro Ovidio tenha de escrever outras metamorphoses. Por lá apparecem novos Lycaons, por cá tambem não falta que admirar.

Ahi por essas ruas de Braga passeava um quidam, que para melhor levar a sua vida e conciliar a pia affeição de certas gentes, dizia ter sido capitão ao serviço de D. Miguel, não tendo passado, segundo attestam outros seus collegas, de sargento, ou furriel nas fileiras do extincto exercito: como este estratagemá

já não produzisse tanto effeito, como no principio, não só porque já lá vão 10 annos, mas porque os especuladores d'este genero são muitos, resolveu metamorphosear-se: e de capitão ao serviço de D. Miguel, fez-se elle mesmo D. Miguel; e com este nome, começou o discorrer por differentes pontos d'este districto administrativo, apresentando-se aos credulos, a quem de tal sorte sabia mover os animos, que onde chegava, recebia d'elles todas as considerações, e auxilios, que a occultas lhe podiam ministrar. Sua nova magestade despachava os seus bemfeitores, agraciando-os com boas commendas, concedendo abbasias etc. etc. etc.; mas tinha de bom, que não sublevava os povos: o que elle queria, era que lhe fizessem bom gasalhado, que lhe dessem dinheiro e bom passadio: no de mais exhortava-os, a que se conservassem pacificos, até que chegasse uma esquadra, que elle estava esperando da Russia, porque então, é que deveria ser o movimento geral.

No dia 10 do corrente uma escolta do 8 de infantaria, commandada por um official inferior, e seguida de muito povo, se approximava á administração geral: era a guarda do supposto rei Miguel, mas conduzia-o preso, tendo-o encontrado em casa do abade de conselho da Povia de Lanhoso, o qual abade tinha sido agraciado com a abbasia de S. Thiago Douts, por ser mais rendosa, do que a primeira.

O governador civil mandou-lhe fazer aposentadoria na cadêa da cidade, onde actualmente se acha hospedado. Ahi tem V. um facto, que abre largo campo ao discurso; e que, se o diabo me chamasse para a vereda da politica, muito dava que pensar, e longo caminho andariamos.

Braga 22 de maio de 1844.

Antonio Barreto Ferreira Araujo Pimentel.

ENVENENAMENTO.

2995 No DIA 3 de março succedeu em S. Miguel das Aves o desastroso facto seguinte. Uma rapariga vivia com um velho que era o seu amante, o qual fallava com outra mulher chamada a Retrozeira: o velho desenganou a rapariga que não casava com ella; esta no dia 3 de março appareceu morta na cama toda negra, e com evidentes signaes de ser envenenada!!

Periodico dos Pobres no Porto.

CEMITERIOS E RECRUTAMENTOS.

(Carta.)

2996 Como V. está persuadido de que os cemiterios estão em uso em todo o reino, pego na penna para dizer-lhe que nem em metade d'elle se fizeram. Em muitas partes apesar das diligencias d'algumas pessoas zelosas (como v. g. em Torres Vedras, onde o administrador do concelho se tem empenhado n'isso, chegando até a dizer em seus officios que as egrejas cheiravam mal) nada se tem podido conseguir, porque em Portugal não ha castigo para quem não cumpre a lei, e só a observa quem quer. E isto se vê principalmente no recrutamento, desertores, mendigos, e tudo quanto pertence á policia.

Que importa que em Portugal diga a lei — o sorteado é desertor: passados 8 ou 15 dias depois do sorteamento se não é pilhado nunca mais é inquietado;

e por isso é que nunca se póde fazer em Portugal o recrutamento.

Ha outro abuso que é prenderem gente vadia ou das provincias sem verificarem como se fazia no tempo do marechal Beresford a sua naturalidade, o que se segue é fugirem, a fazenda e o estado perderem o que se gastou com elles na eschola do ensino, e os regimentos estarem sempre incompletos, etc.

De V. etc.

Lisboa 21 de Maio de 1844. S.

PRESO POR MIL, PRESO POR MIL E QUINHENTOS.

2997 Diz-se que um preso da cadeia de Oeiras na occasião do juiz lhe ir fazer perguntas, lhe despedira uma facada que o lançou em terra morto, ferindo tambem outro individuo que se intromettêra no conflicto.

Ignoramos por ora as circumstantes d'este attentado.

DESORDEM NA CADEA.

(Carta.)

2998 TENDO visto no jornal *Utilidade Publica* n.º 904 um artigo com o titulo de *briga mortifera na cadeia do limoeiro*, extraido da *Revista Universal*, na qual se altera em tudo a verdade do acontecido: por isso levo ao conhecimento de V. a exposição do facto tal qual aconteceu, para que em abono de verdade seja desmascarado o auctor de tal calumnia.

No dia quinze de maio, pedindo João Torres a quantia de seis mil e tantos réis de que lhe era devedor, João Antonio Lourenço, juiz da salla n.º 7, este lhe pertendia dar tão sómente dois mil e quatro centos réis, e travando-se de rasões, resultou o primeiro dar uma bofetada no segundo, ao que acudiram varios presos e entre elles Severiano Antonio Bandeira; este deu com um banco na cabeça de João Torres, que vendo-se assim accommettido correu para elle, de que resultou o dicto Severiano fugir para um corredor, e fechar uma porta, sobre si para evitar o resentimento do preso Torres já possuido, e logo em seguimento Domingos Lopesde, que o mulato, lhe deu com outro banco no mesmo Torres, de que resultou ficar atordado bem como das pancadas que tinha levado com um pau, e cabo de vassoura, que lhe havia dado Manoel Fernandes: então foi que o dicto Torres vendo-se atacado por toda a prisão, se poz em defeza resultando ficar o mesmo com o braço esquerdo fracturado e ferido na cabeça, e Manoel Fernandes com uma picada nas costas; porém nenhum d'estes ferimentos foi mortal, como se inculca no citado artigo, e tanto que se acham quasi restabelecidos. Esta é que é a exacta informação, que pude colher dos presos mais sidosos que alli se achavam na dicta salla, e de cujo caso se está conhecendo pelo juizo de direito criminal do primeiro districto onde melhor se illucidará a verdade. Deus guarde a V.

Em 24 de maio de 1844.

O Carcereiro.

Antonio Ribeiro Cerqueira.

ECLIPSE.

2999 A'MANHÃ haverá um eclipse total da lua. Principio de eclipse ás 8 horas e 32 minutos da noi-

te: principio de eclipse total ás 9 horas e 35 minutos. — meio ás 10 horas e 14 minutos — fim do eclipse total ás 10 horas e 52 minutos — ultimo fim do eclipse ás 11 e 55 minutos.

ROUBO IMPORTANTE.

3000 « ANTONIO Gomes da Cunha, cidadão brasileiro, estava em uma quinta ao pé de Guimarães, tendo deixado bem fechada e trancada a casa em que morava na praça da Trindade, em frente da assembléa portuense: ha dias recebeu um proprio com a noticia que estava roubado: chegou a esta cidade terça feira passada, e abrindo a porta de sua casa a achou em um estado miseravel; tudo lhe tinham roubado; roupas, trastes, guarnições da sala, e até os colchões e enxergões das camas!! Avalia-se o roubo em 1:200,000 rs. Desconfia-se que o roubo fôra perpetrado com chaves falsas e tirado pelos quintaes, onde se encontraram alguns copos de crystal. Consta que por diligencia de alguém, e pela quantia de dose pintos, já lhe entregaram uma casaca e um colete de seda. A praça da Trindade é no coração da cidade! »

P. dos Pobres no Porto.

AMASONA.

3001 Lê-se na *Restauração* de hoje 29, o seguinte: —

« SE já lá vão, como quasi fabulosas, as Myrinas, Talestris e Hyppolithas, ficou a Maria da Piedade! Se esta, emvez de mutilada, se apresenta em pleno gôso de todos os seus encantos, é por não ter arco de que apertasse a corda. Se emfim a nossa amasona é menos indifferente e fria que as suas illustres predecessoras, culpa sua não é, mas sim do deus travêço, a quem desde tenra idade sujeitou alma, vida e coração. »

« Quaes fossem, no dia de hontem, 27, as perfidias que a exaltaram a tal ponto, o não diremos nós. Mas a mesma discripção não nos veda declarar que o rapagão, esbelto e hercúleo com quem tractava, ainda hoje corre, sem olhar para traz, aterrado da quasi realisada a lisongeira promessa de o tornar tão famoso, como *Abeilard*, de melancholica memoria. »

« Felizmente póde evadir-se a tempo: e lá pára a nossa *Piedade* na cadeia, onde os guardas municipaes, abusando do numero, pois eram dois contra uma, lhe aconselharam que meditasse de sangue-frio em algum meio menos violento de segurar fidelidades. »

EXPLOSÃO DE POLVORA.

3003 « NA segunda feira ás 6 da manhã houve uma explosão de polvora em uma barraca no Bairro Alto, á Aguardente; ficaram muito mal tractadas tres pessoas, que foram para o hospital. »

P. dos Pobres no Porto.

POETA A VALER.

3004 Lê-se na *Restauração* de hoje 29, o seguinte:

« ERAM apenas 5 horas da manhã de hontem, como devem sabel-o os felises mortaes que já a essas horas são d'este mundo, e como nós estamos dispostos a accredital-o *in verbo magistri*, fazia um frio de tiritar, ainda a quem estivesse n'um cantinho, bem embrulhado no seu capôte. »

« Qual seria pois o motivo por que Antonio da Costa, de Alcalena, se achava a essa hora passeando na estrada nova de Queluz, á lei da natureza, sem camisa, ceroulas nem meias? »

« Accommettel-o-hiam e despojal-o-hiam os ratoneiros do seu fato? não é de crer, que o modo pensativo e vagaroso por que passeia, mostra que outro assumpto lhe occupa a mente. »

« Terá elle medo dos leões, que, segundo dizem, não atacam o homem nú? não, que o homem não estava em serra ou mata d'Africa, mas na estrada de Queluz. »

« Observado mais de perto, uma circumstancia agrava a singularidade do encontro; o homem passeava, com a cabeça quebrada, sem dar por isso. »

« Examinado o negocio, o capateiro Antonio da Costa é poeta, mas só compõe mentalmente, pois não acha o publico digno de entrar nas confidencias da sua musa. Para se inspirar, quando poetisa, tem por habito despir-se, pois só gosa das suas faculdades, livre de todas as peás sociaes. Assim andava fazendo versos na estrada, sem que ainda se pudesse saber a causa da ferida. »

« A auctoridade madrasta teve porém a crueldade de o enviar para o seu domicilio, onde poderá á sua vontade, fazer tão bons poemas, como um que estamos anciosos por vêr sair do prélo. Assiste hoje no nacional e real hospital de S. José. »

SUICIDIO.

3004 « NA tarde de 27 de fevereiro suicidou-se um individuo, por nome Manuel Rodrigues Chaves, morador em Cima de Villa. Ha dias que elle o tinha tentado, picando as guelas e os braços com um garfo; tiraram-lhe todos estes instrumentos, mas na sobre-dicta tarde, depois de ter bebido em demasia, com uma faca velha amolada deu um golpe na garganta, e correndo á janella no 3.º andar, disse para a criada que lhe fóra buscar cigarros, — adeus, viva a liberdade —, e virando-se de costas se lançou da janella abaixo! Parece que andava algum tanto alienado: morreu no dia seguinte. »

P. dos Pobres no Porto.

MADAME OLIVIER.

3005 « ESTA insigne artista deixou desde hontem de pertencer á empresa dos theatros de S. Carlos e S. João, por composição amigavel com a mesma empresa; não mais a ouviremos sobre o Palco Scenico d'esta cidade. »

P. dos Pobres no Porto.

HERODES, TRIPAS DE LÃ.

3006 EM 30 de abril de 1842 pela uma hora da tarde, passava pelo sitio da volta das ceiras, estrada de Loires para Bucellas o nosso bem conhecido constructor naval, o Sr. Manuel Luiz dos Sanctos, acompanhado de sua mulher e de suas filhas, todos a cavallo, quando viram sair de uma concavidade do terreno, fóra do caminho, um homem, que não conheceram, mas cuja apparencia, e cujo sobresaltado modo de fugir o tornavam infinitamente suspeito de ladrão ou malfetor, recémgravado na consciencia com algum crime.

Desapparecido este, e tornando os viandantes a lançar os olhos para o sitio d'onde o tinham visto levantar-se, enxergaram um braço e uma cabeça como que aos mergulhos, apparecendo e sumindo-se, e com geitos de quem, n'um lance apertado, chamava mudamente por auxilio. Inerme, e cercado de senhoras, duvidou o Sr. Sanctos — se accudiria ao que bem podia ser uma cilada, mas a humanidade fallou mais alto que a desconfiança, arremetteu resolute, e não achou mais do que um mocinho de 14 annos, estirado n'um charco de sangue, que lhe jorrava de uma ferida transversal e profunda na garganta: envolveu-lhe o pescoço o melhor que pôde, carregou-o sobre a sua cavalgadura e a pé, amparando-o e agasalhando-o com todo o amor, o foi conduzindo, apressando-se de chegar onde lhe podessem dar soccorros. — Entrados em Bucellas, chamaram facultativos. Estes, mal que examinaram o enfermo, deram o caso por desesperado; mas não obstante começaram a applicar quantos remedios a sciencia, para taes casos, lhes sugeria: unido e tapado o golpe por onde o ar da respiração entrava e saía, o moribundo que nem uma palavra podéra ainda articular, para responder ao muito que lhe perguntavam, recobrou a voz, desfalecida sim e quasi imperceptivel, mas bastante para muito a custo poder revelar a sua tragica historia e o nome do seu matador.

Levava elle da parte de seu amo cinco moedas para entregar a uma pessoa em Sacavem; João Ferreira por alcunha o *tripas de lã*, natural da freguezia de S. Pedro de dois Portos, se lhe ajunctára no caminho, e depois de ir por algum espaço conversando com elle, lhe desandára com o bordão pela cabeça, lhe tirára o dinheiro e para que não podesse denuncial-o pois o conhecia, surdo e cego aos seus rogos, e ás suas supplicas de joelhos e de mãos postas, lhe cortára as goellas com uma faca de ponta, atirando-o para o meio d'uns trigos d'onde a charidade d'aquelle sr. passageiro o fóra tomar.

Vinte quatro horas depois do attentado, José Mathias (é o nome da victima) tinha exhalado o ultimo suspiro. Correu tanto a justiça nas suas diligencias, que o *tripas de lã* foi achado e preso com as proprias cinco moedas ainda intactas.

Acareado com o Sr. Sanctos e depois separadamente com cada uma das pessoas da sua comitiva, de todos foi reconhecido ser o mesmo, que haviam visto levantar-se e fugir do sitio onde o corpo se encontrou.

A conformidade d'estes insuspeitos depoimentos, o que de manhas e de latrocinios d'elle relataram vizinhos seus, chamados a jurar, algumas outras provas ainda, e sobre todas a solemne declaração do moribundo forçaram o réu a confessar de plano o maleficio. Quando porém a 8 do corrente elle tornou a apparecer em juizo no tribunal do Sr. Reis e Vasconcellos, já a eschola da cadeia o tinha amestrado, e negou atrevidamente. Entre tanto o delegado, Sr. Castilho, o convenceu, e o juiz o condemnou a degredo perpetuo para S. José de Encoge.

O delegado appellou da sentença por diminuta, atenta a natureza e as circumstancias aggravantes do crime.

De mais que n'este negocio occorrer daremos conta assim que nos chegar ao conhecimento.